

André Fernando Baniwa

BEM VIVER E VIVER BEM

SEGUNDO O POVO BANIWA NO NOROESTE AMAZÔNICO BRASILEIRO

APRESENTAÇÃO

O **BEM VIVER** E O **VIVER BEM** BANIWA: EM BUSCA DE UM ENTENDIMENTO E O INÍCIO DOS DEBATES

Quando pela primeira vez ouvimos as expressões **bem viver** e **viver bem**, nos perguntamos: o que é o **bem viver** e **viver bem** do povo Baniwa? De onde vem o **bem viver** e **viver bem**? Por que são importantes na vida? Ouvir pela primeira vez estas expressões nos motivou a refletir sobre isso. Foi então que começamos a promover debates e a buscar entender as duas expressões e os sentidos que elas podem ter para nós, Baniwa. Uma das conclusões a que chegamos é que elas não são uma novidade para nós. Na verdade, todas as coisas que há no mundo foram criadas no princípio, somos nós que demoramos em entendê-las, demoramos em descobri-las e em buscá-las. Ou seja, o **bem viver** e o **viver bem** existem desde o princípio do mundo.

Nossos ancestrais sem dúvida devem ter entendido isso mais do que a geração atual. A nossa geração está cada vez mais influenciada pelo mundo globalizante, pensando muitas vezes que o que está lá fora é mais importante. Mas descobrimos que o que faz a humanidade ir descobrindo, redescobrimo, inventando, reinventando e inovando é exatamente porque todas as coisas já existiam, já estavam aqui prontinhas, por que tudo já tinha sido criado.

O nosso modo de vida de hoje, por exemplo, já tinha sido previsto desde a criação. Isso é muito importante dizer e entender. É evidente que não vivemos mais puramente da nossa tradição, da nossa cultura, na atualidade, hoje ela é uma mistura da nossa tradição e de nossa cultura com a de outras, de diferentes povos. Essa vivência de hoje é consequência do contato do homem branco com os indígenas. Esta vivência nunca foi boa ou fácil, nunca foi sem luta, sempre foi preciso defender a terra porque eles sempre procuraram tomar nossas terras. As nossas terras foram todas transformadas em uma só chamada Brasil. Mas, depois de 500 anos, conquistamos direitos, sobre a terra inclusive, com a promulgação da Constituição Federal, em 1988.

Segundo as histórias da criação da humanidade, *Walimanai*, o que inclui a dos não indígenas, o criador não deixou nada para ser feito ou criado depois. Todas as coisas criadas foram caindo em maldição por causa de quebras de ética. Essa foi

a herança deixada para a nova geração na terra. O nome dessa quebra de ética é “desobediência, *mheepakakali*”. A nova geração não conseguiu fazer de acordo com a vontade do criador. A partir do momento que houve execução da desobediência, a nova geração caiu no esquecimento ou ficou apenas na memória, porque foi separada de muitas coisas boas que poderiam ter sido permanentes na vida da humanidade.

Assim, podemos dizer que tudo que sofremos hoje é uma consequência da desobediência desde o princípio da humanidade. Perdemos muitas coisas das quais seríamos participantes nos dias de hoje enquanto humanidade ou *Walimani*. Como castigo pela desobediência, hoje temos que trabalhar duro, pesado, gastando nosso suor a fim de obtermos nossa comida de todos os dias, o que é fundamental para o ser humano construir o mínimo para se cuidar e promover o seu **bem viver**.

Mas o que é mesmo **bem viver** e **viver bem**? De onde vem? Por que é muito importante na vida? Questões como essas nos angustiam. É sobre este assunto que nós, lideranças baniwa, estamos buscando e procurando entender nos últimos anos. Definimos este como um assunto muito importante para nós e para nossos trabalhos nas comunidades e fora delas. Isto porque parecia que nosso povo não tinha esta prática, destes conceitos que víamos somente nas notícias sobre os outros povos indígenas de outros países que os incluíram na Constituição de seus países na América Latina¹. Este foi o ponta pé inicial para a nossa busca e para aquela que passou a ser nossa principal pergunta: temos isso na nossa cultura e na nossa tradição?

Estes povos de países vizinhos do Brasil trouxeram por meio de muitas lutas este conceito indígena do **bem viver** como novidade na forma de pensar, entender, agir e de dar valor à existência da vida nas leis máximas de seus países. Segundo eles, o **bem viver** e **viver bem** são mais que capitalismo e mais que socialismo, ideia que tem chamado nossa atenção. Desde então temos procurado aprofundar este assunto entre nós, lideranças, conversando também com os mais idosos da tradição e cultura do povo Baniwa.

¹ Nota dos editores: os conceitos de Bem Viver têm sido cada vez mais presentes nos debates realizados por povos indígenas na América Latina, a tal ponto que ultrapassaram as barreiras de esferas mais localizadas, alcançando presença até mesmo em algumas constituições federais. Exemplos da incorporação de tal conceito podem ser vistos nas recentes constituições do Equador (2008) e da Bolívia (2009).

Nestas conversas descobrimos que o **bem viver** e **viver bem** já existiam na cultura e tradição Baniwa e que ainda existe e que vai continuar existindo. O **bem viver** e **viver bem** sempre foram importantes nas nossas vidas e por isso precisávamos compartilhar o seu entendimento para retomar a valorização desta prática milenar do povo Baniwa. Para isso promovemos a “I Conferência Baniwa sobre Educação e Organização Social”, que aconteceu na comunidade de Tunuí Cachoeira no mês de setembro de 2016. O objetivo era compartilhar e aprofundar o entendimento sobre a importância do **bem viver** e **viver bem** nas comunidades que formam o povo Baniwa.

A fim de ampliar a conversa, compartilhar experiências e fazer reflexões a respeito, nós definimos como conferencistas as **lideranças** e suas visões políticas; os **estudantes universitários** e suas visões acadêmicas; os **idosos da tradição e da cultura baniwa** e suas avaliações deste conceito na vida prática desde nossos ancestrais até os dias de hoje. Assim, compartilhamos entre nós a linha do tempo antigo com apoio de pesquisadores indígenas que leram as pesquisas e livros que contam a nossa história, que está registrada pelos não indígenas; a nossa linha do tempo sobre as décadas mais recentes, construída coletivamente na conferência; e, a linha do tempo contemporâneo, bem mais recente, que também chamamos de “tempo de associação”, em referência às associações indígenas baniwa, que nos fala do tempo depois da nova Constituição de 1988. Tudo isso serviu para nossa reflexão sobre o que é **bem viver** hoje.

Outros temas foram direcionados para o mesmo objetivo. Discutimos sobre o **patrimônio cultural baniwa**, a sua importância, o que é, e como o usamos diariamente em nossas vidas e em nossas comunidades. Fizemos relatos das experiências em **desenvolvimento local sustentável**, **empreendedorismo** como meio importante de garantir o protagonismo no uso de recursos naturais. Falamos sobre a experiência de **gestão escolar**, sobre a formação dos jovens através de escolas no ensino fundamental, no ensino médio e a formação de professores no ensino superior. Discutimos ainda a nossa atual forma de **organização social**, refletindo sobre como ela está, por quê, sobre o que temos feito nesse sentido, quais são nossas conquistas e o que podemos construir no futuro. Apresentamos ainda a proposta para o novo desenho da organização representativa do povo Baniwa e Koripako, aprovada na assembleia geral da Coordenadoria de Associações Baniwa e Koripako em maio de 2016, na comunidade de Assunção do Içana.

Afinal de contas, qual o sentido de todas essas nossas lutas? Qual o sentido de toda essa forma de organização social, desde a tradicional até a forma do associativismo? A organização social milenar nunca foi escrita e divulgada, nem entre nós mesmos, sua divulgação sempre foi oral. O associativismo é, dentre outras coisas, “jogar o jogo” do governo, defender direitos e interesses segundo as leis do país. Por que ela é importante para nós?

O conjunto das comunidades de uma mesma etnia forma um povo. Mas qual é o sentido de as comunidades estarem organizadas e terem em sua composição líderes como: capitães², anciãos da igreja³, professores da própria comunidade e agentes comunitários de saúde? É uma organização bem diferente de quando se vivia em malocas, mas não tem outro objetivo que não seja o **bem viver**.

Este livro não tem como objetivo contar a tradição e a cultura de um povo, isso já vem sendo feito oralmente em nossas comunidades e em outros trabalhos escritos. Essas histórias de origens e da criação das coisas do mundo baniwa são muitas e muito importantes para a vida, sem dúvida. Mas este trabalho tem como objetivo se concentrar na discussão e na busca da união de um povo dentro de um contexto de complexidade que está posta e é vivida, desafio que nunca foi encarado dessa forma. Considerando o objetivo do **bem viver** e **viver bem** desde sempre e até agora, por que parece que estamos sempre divididos e uns contra os outros? O que é que pode nos reunir para unificar, reunificar e estarmos permanentemente unidos? Quais são nossos pontos fortes e quais são nossas fraquezas diante deste mundo tão complexo?

O SURGIMENTO E A ORGANIZAÇÃO DESTE LIVRO

Este livro surgiu, portanto, de uma preocupação e de um esforço das lideranças indígenas baniwa em relação a necessidade de unificar as suas

² Capitães no Alto Rio Negro são cargos nas comunidades que substituem o cargo máximo na aldeia que eram do Cacique, Tuxauá, em *nheengatu*, *Wapidzawali* ou *Eenawi*, em língua baniwa. Esse nome e o cargo de “capitão” fez parte da estratégia de colonizadores dominarem os povos indígenas, e que continua até hoje. Eles nomeavam alguns indígenas como os seus representantes dentro de cada aldeia, fazendo deles os seus informantes e impondo ordens.

³ Anciões da igreja são líderes religiosos que gerem o sistema religioso nas comunidades evangélicas Baniwa. Esse nome vem através da missionária evangélica norte americana Sofia Muller. No Içana, o nome de suas igrejas é “Igreja Bíblica Unida”. O povo Baniwa é formado mais ou menos por 80% de evangélicos e 20% católicos. Já vivem esta realidade há mais de 78 anos, portanto, vai completando um centenário.

comunidades, de ter unidade como povo Baniwa em busca da concretização dos seus direitos, mas, principalmente, surgiu da preocupação com o **bem viver** e **viver bem** das comunidades.

Uma das ações concretas relacionada ao **bem viver** e **viver bem** foi a realização da conferência já mencionada acima, que foi organizada para discutir nossas experiências de projetos, da educação e nossa organização. Naquela reunião, em setembro de 2016, **bem viver** e **viver bem** eram temas transversais, unificadores do processo, mas que dão sentido para as iniciativas das comunidades, das associações, igrejas e escolas baniwa.

Na conferência estiveram presentes 135 pessoas, sendo que os Baniwa e Koripako são, somente no Brasil, mais de 7 mil pessoas, distribuídas em mais de 90 comunidades e sítios. Assim, este livro foi pensado e elaborado para ampliar e promover mais discussão, divulgar e disseminar o conceito do **bem viver** e **viver bem** nas comunidades, nas escolas, nas associações e nas igrejas. A elaboração deste livro contou com apoio no que toca à edição e à revisão de texto dos pesquisadores-parceiros do **bem viver** e **viver bem** João Vianna e Aline Iubel, ambos antropólogos que realizam pesquisas com os Baniwa na bacia do rio Içana e na região do Alto Rio Negro.

Consideramos que não seria útil guardar aprendizado sobre **bem viver** e **viver bem** apenas em relatórios, como atualmente acontece, porque geralmente ninguém procura ler muito estes documentos. A ideia deste livro é transformar o **bem viver** e **viver bem** em um entendimento ao qual todos tenham acesso, em um conhecimento e em uma sabedoria de vida, resgatando valores culturais tradicionais e originais que podemos, ao mesmo tempo, relacionar com o mundo atual. Esperamos assim promover e fortalecer a interculturalidade como fonte fundamental para o desenvolvimento local sustentável, a gestão territorial e ambiental em busca da sustentabilidade.

NOSSOS DILEMAS TÊM SENTIDO?

Nossas perguntas são nossos dilemas. Dilemas são dúvidas, são problemas e dificuldades. Muitas perguntas que circulam, ficam como se estivessem no estômago da gente fazendo barulho, como quando não se consegue digerir um alimento que deveria ser transformado em energias e forças para nosso corpo. Esses barulhos do estômago são provocados pela não aceitação do corpo em relação a outros corpos estranhos, o que só se corrige com remédios para o corpo da pessoa não levar a pior. Na falta de entendimento, na falta da busca de compreensão, alguém deve se dedicar a aplicar o remédio que possa resolver o problema, tirando de uma situação desagradável para promover o **bem viver e viver bem**.

Os nossos dilemas têm sentido sim, pois nós conhecemos bem a origem da humanidade, sabemos da sua complexidade, sabemos do futuro da terra, que somos nós mesmos. Muitas vezes esses dilemas são frutos da nossa rejeição à mistura de culturas diferentes para dentro das nossas sociedades, pois não gostaríamos que outras coisas diferentes interferissem em nossa autonomia ou que coisas ancestrais não interferissem mais nas coisas que chegaram de novo em nossas vidas. O que vemos é que alguns dos nossos parentes evangélicos acham que os mitos e as histórias de criação contadas por nossos antepassados não são boas ou não têm utilidade, mas elas são, por exemplo, o princípio do conhecimento da medicina tradicional, da cestaria de arumã, do manejo ambiental, da produção de mandioca e de outros cultivares nas roças e da culinária que fazemos nas comunidades todos os dias.

Agora que deixamos de ser tutelados pelo Estado Brasileiro, como reconstruir a vida, o nosso **bem viver e viver bem** depois de intensas e cruéis tentativas de esvaziamento da cultura, da tradição e de todas as formas de sistema de vida indígena? Entre a vida milenar e a vida contemporânea, quais são os principais pontos a serem observados? Entre tantas coisas negativas e positivas, qual o caminho a percorrer? Por que o direito intercultural é um desafio não só para indígenas, mas também para o Estado Brasileiro?

A vida nos ensina que é impossível apagar totalmente o passado, pois qualquer inovação se baseia no passado que a nova geração conhece. Exemplo

desse procedimento são os povos que resgatam a tradição antiga, revalorizando-a, aproximando-se ainda mais do **bem viver** e **viver bem**, de práticas originais e sustentáveis, sem por isso deixar de usar tecnologias atuais e modernas.

Nós indígenas estávamos aqui na nossa terra, que não se chamava Brasil, antes dos colonizadores. Eram milhões de pessoas, eram milhões de etnias e línguas. Os colonizadores mataram todos e de todas as formas. O objetivo do Estado Brasileiro era que não tivesse mais indígenas no Brasil até ano de 2000. Felizmente conquistamos nossos direitos na Constituição de 1988. Ainda existimos, muitos e perplexos, enfrentando dificuldades no entendimento do nosso direito intercultural.

Os indígenas de outros países entenderam mais rápido esse direito intercultural ou multicultural, por isso lutaram e conseguiram incluir o **bem viver** e **viver bem** nas suas constituições. O **bem viver** e **viver bem** são conceitos da política dos povos indígenas na América Latina, portanto, devem ser nossa bandeira de luta também em nosso país.